

AS NÃO COINCIDÊNCIAS DO DIZER: ANÁLISE ENUNCIATIVA DE UMA ENTREVISTA NO PROGRAMA RODA VIVA

Laiza Rodrigues Oliveira (UFT)

laiza.tavares3@gmail.com

João de Deus Leite (UFT)

joaodedeus@mail.uft.edu.br

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise que tem como objetivo identificar as não coincidência do dizer em uma parte da entrevista concedida por Lília Schwarcz ao programa Roda Viva em comemoração ao dia da Independência do Brasil. Tal análise se deu sob os fundamentos da teoria das não-coincidências do dizer de Authier-Revuz, em que a autora trata do “retorno reflexivo do enunciador às suas próprias palavras”. Por esse motivo, a entrevista é uma materialidade rica em metaenunciações, pois o sujeito deixa sua marca por meio das coordenadas do eu-aqui-agora. Portanto, os retornos reflexivos evidenciam que, dependendo do local de enunciação do sujeito, a dinâmica comunicacional se adequa, para que haja produção de sentido e que seja construída uma melhor compreensão do que está sendo dito pelos enunciadores. Isto é, as não-coincidências do dizer são um mecanismo enunciativo que evidencia a opacidade do processo de comunicação.

Palavras-chave:

Entrevista. Metaenunciação. Retorno reflexivo.

ABSTRACT

This paper presents an analysis that aims to identify the non-coincidences of saying in a part of the interview given by Lília Schwarcz to the Roda Viva program in celebration of Brazil's Independence Day. Such analysis took place on the basis of the theory of non-coincidences of Authier-Revuz's saying, in which the author deals with “the enunciator's reflective return to his own words”. For this reason, the interview is a materiality rich in meta-statements, as the subject leaves his mark through the coordinates of the I-here-now. Therefore, the reflective returns show that, depending on the subject's enunciation place, the communicational dynamics is adequate, so that there is production of meaning and that a better understanding of what is being said by the enunciators is built. That is, the non-coincidences of saying are an enunciative mechanism that highlights the opacity of the communication process.

Keywords:

Interview. Metaenunciation. Reflective return.

1. *Metaenunção sob a perspectiva de Authier-Revuz: as não coincidências do dizer*

De acordo com os estudos da linguista francesa Jacqueline Authier-Revuz (1990; 1998; 2004; 2008), existe uma alteridade que se manifesta no discurso por meio da heterogeneidade linguística, que vem do fato de que “as palavras são, sempre e inevitavelmente, as palavras dos outros”¹, isto é, por sermos indivíduos histórico-ideológicos, nosso dizer é constituído por outros dizeres. A autora traz essa perspectiva pautada no estudo bakhtiniano voltado para o dialogismo, em que o texto possui caráter responsivo.

Assegurada nesse princípio, Authier-Revuz (2004) propõe, em seu artigo *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*, publicado em Língua Portuguesa em 1990, dois tipos de heterogeneidade da linguagem, a constitutiva e a mostrada, que constituem o texto. Na obra, a linguista expõe que, no âmbito da enunção, a heterogeneidade mostrada permanece evidente no texto por meio de duas formas, marcada e não marcada. A forma marcada caracteriza-se em evidenciar no texto marcas fixas e cristalizadas da língua (aspas, itálico, discurso direto e indireto, etc.). A forma não marcada da heterogeneidade mostrada se dá no “fio do dizer”² e não há como identificá-la por meio de marcas cristalizadas, portanto, a maneira de verificar essa heterogeneidade no texto é por meio da ironia, do jogo de palavras, da metaenunção, etc.

A heterogeneidade constitutiva, por sua vez, não fica evidente na superfície do texto, no entanto é constituinte dele, e pode ser ‘evidenciada’ por meio da memória discursiva, “com isso a presença permanente, profunda, de ‘outros lugares’, do ‘já dito’ dos outros discursos condicionando todas as nossas palavras e ressoando nelas”³. Podemos entender, ainda, que o outro, segundo a linguista, é “condição constitutiva do discurso” como verificamos a seguir:

Todo o discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro’. O *outro* não é um *objeto* (exterior, do *qual* se fala), mas uma *condição* (constitutiva, *para* que se fale) do discurso de um sujeito-falante que não é fonte-primeira desse discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.69) (grifos da autora).

¹ Authier-Revuz, 1990, p.26.

² Authier-Revuz, 2008.

³ Authier-Revuz, 1998, p.135.

Com base nisso, a alteridade que constitui todo e qualquer texto é denominada de heterogeneidade linguística, que, para a autora, é “condição de existência do fato enunciativo”⁴. A metaenunciação é, desta forma, uma ocorrência da heterogeneidade mostrada não marcada, sendo aspas uma exceção metaenunciativa, pois é exposta no texto de forma marcada. Conforme Authier-Revuz (2004):

Esse conjunto de formas - inventariáveis com algumas zonas não discretas – constitui uma forma de modalidade enunciativa que denomino *modalidade autonímica*, correspondendo, numa perspectiva enunciativa, à configuração semiótica da ‘conotação autonímica’ (cf. Rey-Debove, 1978), ou do *acúmulo* do uso e da menção (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 82) (grifos da autora).

Essas ‘categorias’ de modalidades autonímicas são chamadas pela linguista de não-coincidências do dizer, que, no “desenrolar do dizer”⁵, surgem, revelando-se como um mecanismo que contribui para a manutenção da construção de sentido na enunciação, assegurando que se estabeleça uma compreensão plena por parte do interlocutor.

Em interações faladas, como no caso da entrevista, a heterogeneidade se mostra mais evidente em relação a textos escritos, visto que na escrita o enunciador pode revisar o seu dizer quantas vezes desejar, enquanto, em enunciações face a face, o locutor realiza o retorno às suas próprias palavras no ato do dizer, realizando uma modalização autonímica quando o “estrato do dizer se volta sobre nossas palavras através de outras palavras mais” (AUTHIER-REVUZ, 2008, p.33).

Nessa perspectiva, na condição de produção da interação face a face, é possível observar algumas características, como as hesitações, as pausas, as correções, as repetições, as interrupções, entre outras. Durante o diálogo, o enunciador faz remissão ao ato de dizer em si, seja negociando a palavra mais adequada à “coisa” que quer enunciar, comentando e revisando o seu próprio dizer, seja especificando o sentido das palavras escolhidas. Todo esse processo é uma metaenunciação, em que o dizer se desdobra e reporta-se a si mesmo. As formas de modalização autonímica “correspondem a um desdobramento no âmbito de um único ato de enunciação; há um dizer do elemento linguístico realizado por um comentário desse dizer” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 84).

⁴ Authier-Revuz, 2004, p.176.

⁵ Authier-Revuz, 2008.

A metaenunciação é uma atividade linguístico-discursiva que se trata da enunciação sobre a enunciação, “o enunciador não se ‘faz uno’ no seu dizer, mas produz uma clivagem nesse dizer, distanciando-se de suas palavras, como autocomentador de si mesmo” (*Op. cit.*). Em outros termos, o enunciador faz uma espécie de modalização do seu dizer, em que ele manipula e negocia o uso das palavras, estabelecendo um outro ponto de vista na produção do enunciado. Segundo explicita a autora,

[...] tal modalização suspende localmente, no termo visado, o caráter absoluto, inquestionado, evidente, o ‘óbvio’ vinculado ao uso-padrão das palavras. A modalização confere a um elemento do dizer o estatuto de uma ‘maneira de dizer’, relativizada (mesmo que seja para valorizá-la) dentre outras. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 82-3)

Nesse contexto, durante a enunciação, o falante apropria-se de posições distintas, já que “sua figura normal de usuário das palavras é desdobrada, momentaneamente, em uma outra figura, a do observador das palavras utilizadas⁶”. A metaenunciação evidencia, em relação ao enunciado ao qual se refere, uma não coincidência, em que sua estrutura é definida pela função que a modalização desempenha no fio do dizer e pela natureza do material modalizado.

De acordo com a linguista, a palavra é como um cristal transparente, em que podemos ver aquilo que está através dela, que, nesse caso, é a ‘coisa’ significada, ou seja, quando “o enunciador está em condição de (se) representar sua enunciação e o sentido que nela se ‘produz’, e que talvez lhe seja transparente, acessível⁷”. Essa ‘transparência’ é posta em xeque, quando o enunciador se serve da palavra não mais para ver além dela (o significado), mas agora ele se volta para a própria palavra (o significante), colocando entre aspas e mencionando-a; assim, o enunciador opacifica-a, a palavra se reflete no cristal.

Vemos aparecer, em relação ao dizer simples de um elemento X, um modo de dizer, complexo, que se reduplica no dizer do mesmo elemento X pela sua auto-representação, aquele da “modalização autonímica”, que se caracteriza como modalidade reflexiva e opacificante do dizer. (AUTHIER-REVUZ, 2008, p. 36)

A modalização autonímica é categorizada com o nome de ‘não-coincidências do dizer’, que são divididas em quatro: as não-coincidências interlocutivas; as não coincidência entre as palavras e as coisas; as não coincidência do discurso consigo mesmo; as não-

⁶ Authier-Revuz, 2004, p.13.

⁷ Authier-Revuz, 1998, p. 185.

coincidências das palavras consigo mesmas. Essas modalizações se manifestam sempre que o locutor comenta a sua própria enunciação.

No território das não coincidências, fica subtendido uma inquietude crítica, que pressupõe um obstáculo, não permitindo que a palavra trabalhe sozinha, precisando, assim, de uma negociação do enunciador com as heterogeneidades “que se impõe a ele, sobre o qual, e por isso mesmo, ele abre em si próprio a falha de um não-um, o comentário reflexivo opacificante responde a esta falha com a ‘retomada’ meta-enunciativa” (AUTHIER-REVUZ, 2008, p. 38). Segue-se agora a explanação das supracitadas não-coincidências do dizer:

- a) **As não coincidências interlocutivas** correspondem ao fato de que “figuras de ajuste co-enunciativos constatarem ou conjuram o desvio, passando pelo nós, entre o eu e o você⁸”, e isso significa que se estabelece uma interação que envolve o enunciador e o enunciatário, em que ambos não compartilham de uma palavra ou sentido, isso causa um desvio estrutural que “instala na ‘comunicação’ entre dois sujeitos um ‘mal-entendido’ constitutivo⁹”. Assim, o enunciador por meio da não coincidência interlocutiva procura “restaurar um UM de co-enunciação lá onde ele parece ameaçado¹⁰”, garantindo uma evolução do processo interacional.
- b) **As não coincidências do discurso consigo mesmo**, trata-se de uma formulação que revela a presença de outro dizer marcado no discurso do enunciador. Authier-Revuz (1998) mostra que “toda palavra que, por se produzir no ‘meio’ do já-dito dos outros discursos, é habitada pelo discurso outro¹¹”, isto é, o enunciador ao proferir uma palavra que não é originária do seu discurso, cuja fonte enunciativa não é sua, mas de outro se mantém distante da palavra enunciada. Essa ideia também pode ser confirmada, quando a autora explana que

[...] as figuras do empréstimo [...] dão, ao designar no discurso as palavras dos outros, a forma de uma geografia interior (as palavras de si)/exterior assegurando as fronteiras do discurso próprio, o irrepresentável do “não-pertencimento básico da linguagem”, onde cada palavra, recebida “de outro lugar” está saturada de um já-dito, que alimenta e desapropria ao mesmo tempo. (AUTHIER-REVUZ, 2008, p. 42-3)

⁸ Authier-Revuz, 2008, p. 42.

⁹ *Op. Cit.*

¹⁰ Authier-Revuz, 1998, p. 22.

¹¹ *Op. Cit.*

- c) **As não coincidências entre as palavras e as coisas** “representam as buscas, hesitações, fracassos, sucessos... na produção da ‘palavra exata’, plenamente adequada à coisa¹²”. Isso caracteriza “um desvio local, acidental, que aparece no dizer, àquilo que é a sua própria lei, a falta irrepresentável da letra sobre o objeto, e a ausência – ou a perda – inerente à linguagem¹³”. Portanto, ao fazer uso dessa modalização autonímica, o enunciador mostra uma preocupação para procurar uma “palavra exata” ou aquela que apresente mais aproximação da “coisa” que quer enunciar, esse processo deixa transparecer uma “(in)adequação da nomenclatura, confirmando, questionando ou rejeitando¹⁴” a mesma.
- d) **As não coincidências das palavras consigo mesmas** caracterizam-se como “figuras do equívoco, rejeitando ou acolhendo a palavra (o sentido) ‘além’ da polissemia, homonímia¹⁵”, nesse sentido “dão a forma de um ‘jogo’ local nas palavras do dizer (e muitas vezes de um ‘jogo de palavras’)¹⁶”, Essa modalização deixa evidente o caráter heterogêneo da enunciação, pois ao proferir as palavras o locutor, imediatamente, retorna aos seus próprios termos para delimitar melhor o sentido desejado para o contexto em questão. Authier-Revuz (1998) trata desse assunto também quando expõe que

[...] colocada - contra as abordagens “monossemizantes”, que reduzem a dimensão do equívoco do dizer a fenômenos lúdicos ou acidentais na perspectiva da recepção- como consubstancial ao jogo do que Lacan chama *Lalangue*, na língua, que devota fundamentalmente o sistema lingüístico de unidades distintas, e os enunciados, ao equívoco de uma homonímia generalizada (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.195).

Com base no exposto, compreendemos que a metaenunciação é um mecanismo que contribui para a construção de sentido na alteridade, que no fio do dizer se desdobra no eu-aqui-agora. Cada uma das quatro categorias de modalidade autonímica apresentadas neste estudo coloca a língua em funcionamento, confirmando, assim, que a metaenunciação

¹² Authier-Revuz, 2004, p. 83.

¹³ Authier-Revuz, 2008, p. 43.

¹⁴ *Op. Cit.*

¹⁵ *Op. Cit.*

¹⁶ *Op. Cit.*

sempre tem uma finalidade no âmbito comunicativo e é importante para o desenvolvimento de uma interação, sobretudo, face a face, visando os propósitos comunicativos do enunciador.

2. *Retorno reflexivo em entrevista: análise e discussão*

O objeto da análise consiste na transcrição da entrevista da historiadora e antropóloga brasileira Lilia Schwarcz, dada ao programa Roda Viva da TV cultura no dia 09 de setembro de 2020. Foi um programa comemorativo à Independência do Brasil, que propôs uma discussão sobre a história do país e, para tanto, contou com um time de entrevistadores, dentre eles o escritor de livros de história, jornalista editor do Canal Meio e colunista de jornais, Pedro Dória. A análise contemplará apenas as perguntas do entrevistador Dória, visto que o programa tem duração de 1 hora e 24 minutos e este estudo não visa exaurir todos os diálogos contidos na entrevista, mas, sim, fazer um recorte para que se possa evidenciar como se dá as voltas reflexivas nas interações faladas do contexto em questão.

O motivo pelo qual o programa Roda Viva foi escolhido para tal estudo está na sua relevância social, uma vez que é um ambiente que valoriza a pluralidade de ideias, de conceitos e de análises pertinentes à sociedade brasileira, que são discutidos sob a perspectiva de uma personalidade notória. Nesse sentido, o programa é rico em processos metaenunciativos, pois o “retorno reflexivo do enunciador às suas próprias palavras¹⁷” produz sentido e constrói uma compreensão entre os enunciadadores, assegurando o efeito de êxito comunicativo. Aqui serão verificados os quatro conjuntos de atividades metaenunciativas proposto por Authier-Revuz (1998, 2008), que são: não-coincidência interlocutiva; não-coincidência do discurso consigo mesmo; não-coincidência entre as palavras e as coisas; não-coincidência das palavras consigo mesmas.

Para dar início à discussão, verificamos no trecho a seguir uma parte da enunciação falada de Pedro Dória¹⁸ direcionada à Lilia Schwarcz:

Lilia, deixa então, **já que você está falando de** Bolsonaro, puxar para os militares e para essa simbologia militar. O império acaba quando os donos de fazenda chamam o Marechal para dar um golpe de estado; a primeira

¹⁷ Authier-Revuz, 2008, p.33.

¹⁸ A enunciação ocorreu entre 20:25min. a 22:42min. da entrevista.

república acaba no movimento que nasce com a revolta dos tenentes, Getúlio Vargas encabeça, mas se não fosse o movimento tenentista aquilo não teria acontecido; Sem Góis Monteiro e o Dutra não teria acontecido o golpe do estado novo, o Dutra se torna o primeiro presidente da “**transição para a democracia brasileira**”. Essa democracia é interrompida em 64 por tenentes aposentados... é, mas estavam lá. Quando a nossa segunda democracia, **não chamando a república oligárquica de democracia**, o colégio eleitoral era muito pequeno, mas quando a nossa segunda democracia **entra numa crise** de representatividade e tudo mais. Embora não tenha havido um golpe de estado, Jair Bolsonaro foi eleito, a população, obviamente, foi novamente bater à porta do quartel para, **mesmo que simbolicamente**, escolher chamar os militares de volta [...] (RODA VI-DA, 2020 – grifos próprios)

Nesse primeiro momento, podemos observar que o entrevistador inicia sua enunciação com um retorno reflexivo, quando expressa: *já que você está falando de*, o locutor se reporta à interlocutora estabelecendo uma interação entre eles, isto é, reporta-se ao ato de dizer e não ao conteúdo dito. Isso configura uma **não coincidência interlocutiva**, pois o objetivo principal ali não é o conteúdo do que está sendo dito, mas sim a evolução do processo interacional. Continuando o diálogo, Pedro Dória enuncia: “*transição para a democracia brasileira*”, fazendo o sinal de aspas com os dedos enquanto enunciava. Ao fazer tal movimento, o enunciador sugere uma preocupação para encontrar a maneira mais adequada de expressar a sua ideia, o enunciador está à procura de uma “palavra exata” ou aquela que apresente mais aproximação e, nesse processo, ele deixa transparecer suas dúvidas e incertezas em relação à “escolha” da denominação. Nesse sentido, essa expressão em destaque se encaixa na categoria de modalidade autonímica que pertence **às não coincidência entre as palavras e as coisas**.

Ainda se tratando das **não coincidência entre as palavras e as coisas**, Dória segue falando sobre “segunda democracia”, porém, no momento do seu dizer, ele faz um retorno reflexivo, pois nota que está se referindo a um contexto histórico (coisa) e está utilizando a palavra *democracia* para referir-se a ele. Nesse sentido, o locutor volta-se às suas próprias palavras e corrige-se, na tentativa de ajustar sua enunciação para seu interlocutor, na procura de um termo mais adequado. Diante disso, ao proferir: *não chamando a república oligárquica de democracia*, Dória revela sua hesitação para com a nomeação da palavra à coisa a qual se refere. Ele percebe que a palavra *democracia* não é a mais indicada para referir-se ao momento histórico em questão, porém é o termo que ele encontra para denominar naquele momento. O locutor assume a inadequação de tal maneira que se justifica em seguida: *o colégio eleitoral era*

muito pequeno, isto é, no contexto histórico explanado, o colégio eleitoral era restrito, e essa configuração não representa uma democracia, mas por falta de uma nomeação melhor é utilizada essa mesmo.

Prosseguindo para o fim da enunciação, Pedro Dória enuncia: *entra numa crise*. Novamente, o locutor mostra uma **não coincidência entre as palavras e as coisas**, pois, ao fazer uso da unidade lexical *numa*, ele deixa transparecer a incerteza quanto à nomeação. Assim sendo, faz uso do termo *crise* como solução aproximada da coisa que quer enunciar. Mais adiante, em outra parte da enunciação, o locutor profere: *mesmo que simbolicamente*. Essa formulação metaenunciativa tem como intenção imprimir à enunciação um sentido polissêmico, fora do mundo concreto, do sentido literal. Essa volta reflexiva refere-se ao que foi dito anteriormente em: *bater à porta do quartel*. Desse modo, o locutor faz uma alusão ao comportamento da população brasileira ao eleger o atual presidente da república que tem origem ideológica militar. Desta forma, o enunciador procura encontrar para a sentença proferida o sentido exato para o momento e o contexto da enunciação, que, nesse caso, é um sentido metafórico. Logo, esse retorno reflexivo se configura como uma **não coincidência das palavras consigo mesmas**.

Para continuar com esta discussão, será feita a análise da enunciação da entrevistada LiliaSchwarcz¹⁹, por ser uma enunciação mais extensa, ela será dividida em três partes. Na primeira parte, podemos perceber três formas diferentes de metaenunciação, que se verifica a seguir:

[...] Então, vamos falar da guerra do Paraguai, os brasileiros só reconhecem uma guerra, essa **que nós chamamos de** guerra do Paraguai. A Tríplice Aliança que foi, na verdade, uma vergonhosa aliança. Nessa época quando a guerra começa, **você sabe muito bem, você estudou o período**, o Brasil não tinha um exército profissional, esse exército vai ser formado, os senhores vão ser chamados, muitos escravizados entram e a condição era que fossem libertos. O que a guerra do Paraguai construiu? Construiu, pela primeira vez, a imagem dos salvadores da nação. Isso porque, Pedro, **na minha opinião**, a guerra do Paraguai representou o apogeu e o começo da queda do império. (RODA VIDA, 2020) (grifos próprios).

Nos primeiros momentos da enunciação, Lilia faz um retorno reflexivo em: *que nós chamamos de*, tal metaenunciação confirma a locução *guerra do Paraguai* como sendo a palavra mais adequada para se referir ao acontecimento histórico, isto é, à coisa. Sendo, portanto, uma **não coincidência entre as palavras e as coisas**. Prosseguindo, a locuto-

¹⁹A enunciação ocorreu entre 23:05min. a 28:20min. da entrevista

ra se reporta ao interlocutor interagindo com ele em: *you know much, you studied the period*, essa forma de metaenunciação se caracteriza como **não coincidência interlocutiva**, sendo bem comum em interações face a face; momento em que Lilia volta-se a Pedro Dória fazendo referência ao que já foi dito, ou seja, ao contexto histórico da guerra do Paraguai.

Mais adiante, a locutora profere o seguinte retorno reflexivo: *in my opinion*, nesse caso, a metaenunciação é utilizada para dar delimitação ao sentido para esse contexto enunciativo. Em outras palavras, a locutora deixa claro ao interlocutor, por meio da sua volta reflexiva, que está fixando um sentido específico para *war of Paraguay*, segundo as suas próprias palavras, e não no sentido dicionarizado, ou de senso comum. Trata-se, portanto, de uma **não coincidência das palavras consigo mesmas**. Continua-se a enunciação da entrevistada a seguir:

[...] E essa imagem dos generais do Paraguai encosta no golpe da república, golpe que foi dado por uma oligarquia paulista, que vai usar os militares como **uma espécie de selagem**, ou seja, vão utilizar. E, aí começa essa nostalgia dos militares que não tem lugar, é uma nostalgia totalmente imaginativa, imaginosa. Isso porque, Pedro, porque primeiro que se a gente pensar o primeiro governo militar da primeira república, foi um fracasso, tanto Deodoro, quanto Floriano governaram em estado de sítio, ou seja, vamos pensar nossa ditadura militar, ela entregou um estado falido, uma inflação terrível e eu acrescentaria... tem sim **a questão que você chama atenção** dos anos 30 de Getúlio Vargas, que aos poucos vai tirando a sua farda militar e vai se apresentando como um presidente civil, popular, a favor do povo, populista e chegamos a 64. A nata de 64, essa nata que vai sendo criada nessa ideia de Osório, Duque de Caxias, ou seja, nessa espelhada, nessa ideia de missão, como se eles tivessem uma missão civilizatória, que não se realiza. (RODA VIDA, 2020) (grifos próprios)

A enunciadora ao dizer: *uma espécie de*, mostra que essa expressão é uma procura pela palavra mais aproximada ao que ela está se referindo, e ela elege o termo *selagem* como a palavra que mais se aproxima à coisa. Essa modalidade autonímica pertence às **não coincidências entre as palavras e as coisas**. No decorrer da enunciação, Lilia expressa: *a questão que você chama atenção*, esse retorno reflexivo faz menção ao que já foi dito pelo interlocutor, configurando uma negociação entre ambos para a construção do discurso, logo, é uma **não coincidência interlocutiva**. Neste momento, vejamos a terceira parte da enunciação de Lilia Schwarcz:

[...] Nós vivemos agora um governo que tem, **you correct me**, mas acho que são 9 militares para 22 ministros, maior do que Figueiredo, tem mais

militares do que na época de Figueiredo. [...] e **estamos falando de** um governo que faz uma mística da ditadura militar, **chama o golpe de 64 como um golpe democrático**, como se isso existisse, é uma contradição nos seus termos. E chama por um passado que jamais existiu, esse passado glorioso é um passado encenado por Jair Bolsonaro, é um passado criado por Jair Bolsonaro. Então, enfim, nós estamos aqui vivendo um momento muito representativo, e antes de terminar, se não a Vera vai me gongar, eu queria lembrar também a operação condor, que foi também uma operação feita conjuntamente com Chile, Argentina, vários países lá do círculo da América Latina, **que no Brasil foi chamada de** operação Carcará, por causa do pássaro brasileiro, que prendeu e matou. Uma operação que prendeu e matou milhares de latino-americanos. Então, enfim, essa mística no passado militar, tem essa mística do Brasil autoritário (RODA VIDA, 2020) (grifos próprios).

Novamente, a enunciadora faz uso da forma metaenunciativa da **não coincidência interlocutiva**, em dois momentos consecutivos do discurso, ela se volta para o interlocutor e enuncia: *você me corrija* e, posteriormente, *estamos falando de*, estabelecendo uma postura de interação com o Pedro Dória. No primeiro retorno reflexivo, a formulação da locutora interpela o interlocutor explicitamente, essa construção, teoricamente, poderia abrir ao entrevistador o espaço de responder “corrijo/não corrijo”. Já a outra formulação tem a função principal de garantir a compreensão por meio da interatividade entre eles, assim, a enunciadora reitera o dizer (já dito e o que virá a ser dito) sobre *um governo que faz uma mística da ditadura militar*.

Adiante, Lilia enuncia: *chama o golpe de 64 como um golpe democrático*, nessa metaenunciação a locutora expõe que *o governo* fixou o mesmo sentido para as duas locuções: *golpe de 64* e *golpe democrático*, em que é feito uma equiparação dos sentidos desses dois termos, isto é, a formulação tem o caráter de X, no sentido Y. Não obstante, Lilia tenta desfazer esse equívoco, ela nega que os termos em questão tenham o mesmo sentido quando expressa: *como se isso existisse*. Na situação de uso do governo, a expressão *golpe de 64* em relação *golpe democrático*, tem o sentido semelhante confirmado, já no contexto de uso da enunciação é negado. Com base nisso, a categoria de modalidade autonímica correspondente ao fenômeno descrito é a da **não coincidência das palavras consigo mesmas**, pois o objetivo é fixar, sob alguma perspectiva, o sentido das palavras para o momento e contexto interacional.

Por fim, a modalidade autonímica seguinte trata de uma formulação que revela a presença de outro dizer no discurso da enunciadora. Como podemos observar em: *que no Brasil foi chamada de*, nessa metaenunciação, a formulação deixa evidente que o termo seguinte, *operação*

Carcará, não é uma palavra advinda do seu discurso, mas que o seu dizer é atravessado pelo dizer do outro. Essa modalidade apresenta uma ideia de preservação da face da enunciativa, visto que a fonte enunciativa não é sua, mas de outro. A locutora demonstra linguisticamente que se mantém distante da palavra enunciada, pois esta não é sua. Sendo, deste modo, uma **não coincidência do discurso consigo mesmo**.

3. *Considerações finais*

Pudemos notar durante o decorrer da análise que, na enunciação de Pedro Dória, houve uma frequência de metaenunciações de não-coincidências entre as palavras e as coisas; essa frequência se deu, talvez, pela sua função de entrevistador, cuja responsabilidade de se fazer entender é grande. Não podendo haver dúvidas quanto à sua pergunta, pois, como supracitado na análise, essa formulação autonímica tem a função de demonstrar a procura pela palavra mais adequada aos propósitos comunicacionais do enunciatador. Então, a enunciação de Pedro Dória inicia-se com uma interação com a entrevistada, segue em um discurso que procura estabelecer uma “exatidão” nas palavras e finaliza com uma formulação que implica um sentido metafórico.

Em relação à postura da entrevistada Lilia Schwarcz, há uma prevalência de modalidades autonímicas voltadas à interação entre ela e o interlocutor. Foram quatro formulações de não-coincidência interlocutiva, isso se deu porque ela está na posição de entrevistada, e foi direcionada a ela questionamentos e ideias por alguém. Diante disso, Lilia Schwarcz procura se reportar ao entrevistador para retomar o que já foi dito e poder responder adequadamente às interpelações. Ela também faz uso de outras formulações autonímicas, como as não-coincidências entre as palavras e as coisas, palavras consigo mesmas e discurso consigo mesmo.

Compreende-se, portanto, que, dependendo da situação de enunciação de cada um, seja de entrevistador, seja de entrevistado, a dinâmica comunicacional vai se adequando a cada contexto para que haja produção de sentido e que seja construída uma melhor compreensão do que está sendo dito pelos enunciatadores. Os retornos reflexivos contribuem como um caminho que os enunciatadores percorrem para atingir o efeito de êxito comunicativo. Esse mecanismo é bastante comum em interações faladas, visto que a enunciação acontece em tempo real, e o locutor sente a neces-

cidade de se reportar, no momento da enunciação, ao que foi dito ou que virá a ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RODA VIDA. *Entrevista com Lilia Schwarcz*. Youtube, 09 set. 2020. (20:25 a 28:20). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=U_BxcEuXro. Acesso em: 11 set. 2020.

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Trad. de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 19, p. 25-42, jul/dez. Campinas-SP, 1990.

_____. O estrato metaenunciativos, lugar de inscrição do sujeito em seu dizer: implicações teóricas e descritivas de uma abordagem literal. O exemplo das modalidades irrealizantes do dizer. *Revista Matraca*, v. 15, n. 22, Rio de Janeiro, jan/jun. 2008.

_____. *Palavras Incertas: As não-coincidências do dizer*. Campinas-SP: UNICAMP, 1998.